

Nas vésperas da reacção

Ainda há poucos dias aturámos uma revolução original e cômica em Casilhas que serviu apenas para engrandecer o António Maria e para dar azo a mais uma injusta deportação, e já volta a respirar-se em Lisboa uma pesada atmosfera revolucionária.

Ontem foram os radicais, que dando tiros lá do alto de Almada para o rio, para as mansas águas inocentes que não têm culpa dos erros dos homens, perturbaram a população; hoje são os conservadores paradoxalmente aliados a alguns radicais que conspiram e esperam a hora propícia ao desencadeamento de uma revolução fascista.

Se a primeira revolução não passou de uma paródia caricata que terminou mal para os que nela entraram, a segunda deve ser mais grave, não menos ridícula no fundo, mas muito mais perigosa para as escasas liberdades públicas.

Por isso pomos de sobreaviso o povo trabalhador. Recomendamos-lhe:

—Cuidado!
A perspectiva dum sidonismo mais agravado, mais excitado por velhos ódios que aguardam oportuno momento de expansão, não pode ser agradável ao povo trabalhador.

Não poder falar, nem reunir, nem escrever quando nos apetece é uma tortura bem desagradável que devemos evitar.

Viver na ameaça constante de ser estoirado a uma esquina a tiro, espantado a um cavalo marinho, metido numa enxovia durante meses—não é viver, é morrer pelo terror e pela asfixia.

O povo português, a pesar de inculco, tem grande apêgo à Liberdade. Tem estado sempre disposto a deixar-se morrer por ela. É necessário evitar sacrifícios futuros, impedindo a tempo o triunfo de uma reacção odiosa.

O que está, com os Antónios Maria a governar não será bom. Somos mesmo dos que mais audazmente combatemos o presente regime mas não queremos vê-lo substituído por outro pior.

Se não estamos bem governados pelos políticos reles que nos arruinam, melhor não estaremos governados pelos homens da Cruzada Nun'Alvares, que pretendem fazer-nos regressar a um passado detestável.

Notas & Comentários

Cunha Leal evangélico

A interessante revista Seara Nova publica no seu último número, de autoria do sr. Raúl Proença, o sulto que a seguir reproduzimos:

«Do discurso do sr. Cunha Leal no aniversário da eleição de Pio XI, que, segundo o Diário de Notícias, «teve reptos brilhantes e provou uma grande sinceridade e uma notável evolução de ideias»—Fui educado catolicamente, mas o racionalismo que desviou tantos homens da minha geração desviou também o meu espírito, mas muitas vezes, e à medida que a vida me caminhava para mim, peço que a graça de Deus me chame de novo para Ele.

Imaginem os senhores: à medida que a vida (querer dizer, o dinheiro da Moagem, os prédios nas avenidas novas, o discurso do ponto de honra, o lugar de vice-governador, etc., etc., etc.) tem caminhado para ele, o sr. Cunha Leal vai pedindo sempre que a graça de Deus o chame de novo para si.

Neste avanço da vida para Cunha Leal e de Cunha Leal para a graça de Deus, em que espécie de banco pensará S. Ex.ª que a vai encontrar? Quem sabe! Talvez no banco dos reus... do juízo final.

Coitados...

O Século, pela pena do Pereira da Rosa, meteu-se há tempos num bôco sem saída, decretando que nunca mais lerá A Batalha. Continuou a lê-la e a ver quão formidáveis revelações nós fazíamos a seu respeito. Agora não quer responder-nos, porque isso significaria confessar que não cumpria a sua palavra e continuava a ler-nos. Raivoso, o bom Século quer então, julgando que os outros são parvos, intrigar-nos com as Novidades na esperança de que os inimigos envolvidos em conflito o deixem em paz. Coitado, é melhor desistir. Seguramo-lo pelas orelhas e não o largamos—nem mesmo com ameaças de tiros às cabazadas.

Esbirros

Vem agora o órgão das «forças vivas» insistindo numa linguagem torpe junto da polícia, que tem estado às suas ordens, para que prendam o dr. Pacheco de Amorim. Não conhecemos este cavalheiro, nem queremos conhecê-lo. É muito possível que ele seja uma das criaturas mais desonestas deste país—tão desonestas como os dirigidos do Século. O que nos repugna e queremos aqui frisar para melhor elucidação do público, é a maneira odiosa com que ladrões das «forças vivas» reclamam aque-

OS CRIMES DA IGREJA!

O Instituto Profissional Femenino é um colégio congreganista pertencente à ordem de São Vicente de Paula

Há padres que se servem do seu papel de confessores para sepultar raparigas nos conventos de Espanha e França!

A solidariedade entre os da Santa Madre Igreja pode romper-se por questões de ordem comercial e bem fizeram os de Fátima em abrandar a possível cólera dos de Lourdes, empenhando-se na organização de peregrinações. Lourdes não quer ser destronada, nem sofrer concorrências que logo passaria a considerar desleais. E a organização das peregrinações a Lourdes não obedece a exigências da fé, mas a um acto de cortezia comercial, maneando-se a vontade dos crentes ao sabor de todos estes caprichos e de todas estas intrigas. Todos os anos, centenas de pessoas são empilhadas em comboios para que os vendedores de Deus e de Água de Lourdes se não zanguem. É claro que os peregrinos ignoram a verdadeira razão porque os arremessam anualmente para Lourdes, supondo que os aconselham a ir àquela cidade santa da França, para serem contemplados com milagres.

A exploração que é exercida aos peregrinos de Fátima é grande, não se dando muito por ela, pela maneira habil como se extorque o dinheiro aos fanatizados. As ofertas em dinheiro vão todas para Leiria, onde são arrecadadas e as que são feitas em azeite, cereais e outros generos ficam em Fátima. Os padres não têm a menor piedade, aceitando todas as ofertas de gente pobre, pobríssima, que se condena a fome para dar tudo o que possuem à Virgem. Ou não fosse a igreja uma grande exploradora sem escrúpulos que chega a construir templos riquíssimos, com o que rouba à fé rude de multidões famintas e esfaçadas, é esta a bondade suprema da religião católica: lançar impostos à miséria, tarifar todas as dores e sofrimentos humanos.

A Congregação de São Vicente de Paula e as virtudes do padre Monet

Em Portugal, não existe, unicamente, a Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima: existem outras, não menos perigosas e nefastas, vivendo todas à margem da lei, usando, para com elas, os poderes públicos duma grande benevolência, consentindo o seu funcionamento.

A Congregação de São Vicente de Paula possui em Lisboa, na rua de Santa Marta, ocupando todo o prédio n.º 92, um colégio de raparigas que tem a habilitosa denominação de Instituto Profissional Femenino. As freiras daquela Congregação estão inibidas de despir os hábitos, não estando, por esse facto, a dirigir a escola. O padre Monet da igreja de São Luís, sita na rua Eugénio dos Santos, um pouco antes do Coliseu dos Recreios, é quem escolhe as professoras que são sempre, invariavelmente, criaturas muito devotas e fanáticas em quem tem uma cega confiança.

A «educação» dada naquele colégio é fundamentalmente a mesma da dos de Santarém. O colégio tem capela própria, bem guarnecida de imagens. Todos os dias o terço é rezado nas aulas e no *ouvroir* dos bordados. Fazem-se frequentes leituras de santas exaltadíssimas, citando-se muito, para exemplo das raparigas a vida de Santa Joana de Chantal, uma fanática que abandonou a família, desprezando seu marido e seu filho, chegando para ingressar no convento a passar sobre o corpo deste último. É destas estravagantes, destas anormais, destas alucinadas que atingem a suprema insensibilidade, que as torna capazes de desprezarem os filhos que geraram nos seus flancos, que a Igreja se serve para desviar as raparigas da obra do amor, da obra da vida enjaulá-las em conventos, arrancando-as às todas as alegrias sádias, mutilando nelas todo o sentido humano.

A obra destes indivíduos, destes pretenso servidores dum Deus escravo dos seus interesses, constitui um atentado à vida, uma profanação do espírito, uma degradação, a suprema degradação do corpo humano. Combatê-los é praticar uma obra meritória: evitar que alastre esta epidemia, aviltante para a dignidade humana. Se são doídos, isolem-nos, entreguem-nos aos psiquiatras. Aos loucos não pode assistir o direito de atentar contra a razão e contra a vida dos que conservaram íntegra a lucidez do seu espírito. Se são tartufos—e são-no quasi todos—é combatê-los, expulsá-los das nossas consciências e do nosso convívio, visto que sua acção é perniciosíssima à vida, é contrária a todos os nossos ideais e inimiga de todas as nossas aspirações. Seria uma

deia para os outros. Que baixeza de processos! Nós conhecemos os ladrões, os maiores, os inocentes. Desmascaramos os mas não os mandamos prender. Não somos esbirros.

vergonha—uma vergonha suprema—sermos ainda, no início do segundo quartel do século XX, escravos de Roma, servidores do cadáver insepulto duma Igreja medular e secularmente corrompida!

De como os padres estabelecem a harmonia nas famílias...

O senhor padre Monet reside nas traseiras da igreja de São Luís. É frequentemente visitado em sua casa por alunas internas do colégio de Santa Marta, acompanhadas pela vigilante. Esta, que é uma criatura ríspida, extremamente pitoresca, muito intolerante e muito ignorante provoca o riso das raparigas com o «semo» e outras tolices semelhantes que ela pronuncia, com diabólica frequência. D. Maria das Dores—assim se chama a vigilante—foi durante muitos anos confessada do padre Monet. Tantas vezes se confessou, que abandonou seu marido, donde se depreende que a Igreja contribui, sempre que pode, para levar a harmonia ao seio das famílias... Pois esta D. Maria das Dores que abandonou seu marido tem, pelo seu confessor, uma dedicação e paciência extraordinárias, dedicação e paciência que a levam a esfregar a casa e a coser a roupa íntima do padre Monet, obrigando algumas educandas a desempenharem-se da mesma tarefa.

Moral do caso: um homem que perde a mulher e um padre que, ao roubar-lha, arranja gratuitamente uma criada e uma lavadeira. Gostariamos que as Novidades nos dissessem se isto consta dos mandamentos da lei de Deus...

A obra das Congregações tem dado, consoante referimos, seus frutos de amor e de bondade...

Hoje, e para fecho deste artigo, indicaremos mais alguns desses frutos: D. Maria Manuel de Sousa Prego é uma pobre senhora que sua filha, D. Maria de Lourdes, abandonou em precárias circunstâncias para ir para um convento de França. Sua mãe sofreu um rude abalo, ficando mentalmente um pouco transtornada. O autor deste autêntico crime foi o virtuosíssimo padre Monet...

D. Maria Manuel costuma ir receber notícias de sua filha ao hospital da rua Luz Soriano que, como se sabe, pertence a uma seita religiosa.

Maria Angélica Santos abandonou sua família, para se ir enclausurar no convento da Ordem da Visitação existente em Saragoça, onde passa grandes privações.

O autor desta obra meritória foi o seu confessor padre Alvaro dos Santos, prior de Santa Isabel.

Como se depreende destes factos, cuja gravidade é escusado salientar, os padres usam e abusam do seu papel de confessores para roubarem as filhas aos pais. Em nossa consciência não sabemos quem mais indignamente procede: se os padres que tais crimes praticam, se os pais que tais crimes consentem...

Os rurais de Cabeço de Vide

prêso na cadeia de Fronteira estão há 61 dias iniquamente privados da liberdade

FRONTEIRA, 17.—Há 61 dias que na cadeia desta vila se encontram aqueles trabalhadores rurais de Cabeço de Vide, vítimas do vago ódio do dr. sr. Alexandrino Lopes Russo e seus sequeiros.

O julgamento destes trabalhadores foi marcado para o dia 30 do passado mês e para a comarca de Portalegre. Porém altas influências se moveram e o julgamento ficou adiado parece que *sine die*.

Há quem assevere que os acusadores depositaram quatro contos para levarem por diante a prisão daqueles honrados trabalhadores, o que a confirmar-se demonstra que o adiamento do julgamento foi negociado pelo escrivão encarregado do processo e pelos negregados algozes.

Seja como for, o que é verdadeiro, é que o julgamento não se realizou e quando se efectuar terá lugar em Extremoz e não em Portalegre, como devia ser, visto os arguidos pertencerem a Cabeço de Vide.

A que obedecerá este adiamento e esta mudança de tribunal?—E.

“Os Mistérios do Povo”

Por motivo imprevisto fomos forçados a suspender por alguns dias a publicação do nosso interessante folhetim, do que pedimos desculpa aos nossos leitores

O REGIME DOS TABACOS

A base décima da proposta que o Parlamento vai discutir cerceia velhas regalias do pessoal

Há muito tempo que um problema económico não consegue provocar tão viva discussão como este dos tabacos que o Parlamento vai discutir dentro de poucos dias. Toda a imprensa à porta tem apreciado o assunto segundo a conveniência do seu grupo, não curando de saber se a «Regie» é o melhor regime para o consumidor e para o operário das fábricas, ou se a liberdade de fabrico é o regime ideal, o regime que pode solucionar o problema.

A preocupação tem sido outra. Tem sido apenas a de assaltar o magnífico filão que é o exclusivo do fabrico para dêle arrançar os máximos proventos—os proventos que mantêm em permanente ociosidade essa caterva de parasitas que enxameiam a sociedade portuguesa.

Por ser este apenas o interesse de alguns jornais, o assunto nos últimos dias vem sendo vivamente agitado, sendo quasi unânimes no combate à «Regie» jornais conservadores e jornais liberais. Porque a «Regie» não corresponda duma maneira eficiente às conveniências da economia nacional? Porque a «Regie» não assegure as justas regalias do pessoal, algum com mais de 60 anos de exercício profissional? Porque a «Regie» onere o consumidor com novos encargos?

Esses três problemas pouco incomodam aos novos titeres! Podem esgrimir com qualquer deles para levar a água ao seu moinho. Mas no fundo o que os interessa é a liberdade de fabrico; não—repetimos—para que os interesses do público fiquem assegurados, mas sim para que os interesses do grupo possam vingar.

Também nós não defendemos a «Regie» como não defendemos qualquer outro regime. O único por que teríamos armas, o da socialização das fábricas, já o dissemos: ainda é inexistente. Não defendemos a «Regie», mas exigimos dele, se conseguir substituir o monopólio privado, que sejam garantidos ao pessoal os direitos que 60 anos de trabalhos e cansaços tornam digno de respeito. Exigimos desse ou doutro regime que substitua o existente, que essa legião de famintos que há 36 anos sofre a vil exploração dum execrando monopólio tenha um viver mais sossegado. Exigimos que o pessoal hoje extraordinariamente gose dos mesmos direitos que o pessoal considerado da «Regie». E finalmente exigimos ainda que os pobres velhos com mais de 20 anos de serviço e 60 de idade sejam reformados, não com a mísera verba de 5300, mas com uma verba que possa fazer face aos seus encargos de família.

Por ser esta a nossa única atitude em face do problema dos tabacos que tanta celeuma está levantando, é que no nosso número de domingo iniciamos a análise à proposta que o ministro das Finanças apresentou ao Parlamento, análise que prosseguimos hoje pela base décima e seus parágrafos, cujo teor é como segue:

«BASE 10.ª—Dos lucros líquidos de cada ano económico será retirada a importância correspondente de 512 por cento desses lucros para ser distribuída pelos Conselhos de Administração e Fiscal pelo pessoal operário e não operário, pela forma seguinte:

118 por cento para o Conselho de Administração;
124 por cento para o Conselho Fiscal;
114 por cento para o pessoal operário e não operário.

§ 1.º Os quinze pertencentes aos Conselhos de Administração e Fiscal serão divididos igualmente pelos seus membros.
§ 2.º Do quinto destinado ao pessoal operário e não operário, será atribuída uma parte à dotação da Caixa de Pensões e Reformas, sendo o restante entregue pelo Conselho de Administração à respectiva Associação de Classe ou Sindicato Profissional.»

Entendamo-nos: O parágrafo quarto da base décima diz que serão «mantidos os direitos que actualmente goza o pessoal das fábricas». Estabelecendo a base décima o princípio de que «uma parte do quinto destinado ao pessoal operário e não operário será atribuída à dotação da Caixa de Pensões e Reformas», encontra-se uma contradição flagrante: as regalias que a base décima mantém são destruídas pela doutrina da base décima.

E' bom saber ainda, que o pessoal das fábricas indistintamente, tem participação de lucros, a qual desaparece com o princípio fixado pelo parágrafo segundo da base décima.

Se não for aclarada a referida base, temos o direito de supor que os direitos do pessoal, ao invés do que se diz no relatório que antecede a proposta do sr. Marques Guedes, continuarão a merecer da «Regie» aquele cuidado que sempre mereceram do monopólio privado e que deu origem ao regime de fome a que nos temos referido.

Como o problema é vasto voltaremos a occupar-nos dele com o interesse que a situação do pessoal nos merece, não esquecendo, também, que os direitos do consumidor são credores de todo o respeito.

Pré-Presos por Questões Sociais

A Comissão Pré-Presos apela para todos os operários conscientes a fim de que hoje, nos locais de trabalho, sejam abertas subscrições para os presos por questões sociais. Espera essa comissão que, tendo em conta a situação angustiosa que os presos por questões sociais actualmente atravessam, nenhum operário deixará de concorrer com o seu auxílio para lhes minorar seu sofrimento e evitar que pereçam pela fome. Que nenhum operário deixe hoje de cumprir o seu dever de solidariedade.

ASSINEM Os mistérios do Povo

O ANGOLA E METRÓPOLE

Quando em Portugal o austero Alves Ferreira mente, a Holanda desmente-o

A Batalha—mais uma vez o afirmamos—não tem pela alta finança a menor consideração. Não tem, portanto, pelos banqueiros a mais leve estima. Não se defende aqui um único banqueiro, quer ele seja Alves Reis, quer seja Inocêncio Camacho. Pertencem todos a uma classe social que nós por princípio e de uma maneira geral atacamos, combatemos e desejamos ver derrubada para sempre. O Banco de Angola e Metrópole é para nós perfeitamente idêntico aos outros Bancos. Não é melhor nem pior. Alves dos Reis se é burlão, não o devem ser menos os Mendonças e os Ulrichs do Banco Ultramarino.

A Batalha interveiu nesta questão das notas de quinhentos escudos tendo apenas um intuito—esclarecer a verdade. E a verdade é esta bem simples: os banqueiros são todos iguais, a alta finança é uma corrupção dourada que vem correndo o país, os governantes e os políticos são os agentes dessa corrupção.

Cada dia que passa melhor confirma as nossas afirmações. Partimos do princípio de que Alves dos Reis, Marang e Bandeira são três formidáveis intrujões e verificamos que Inocêncio Camacho, Mota Gomes, Alves Ferreira, António Maria, Ulrich e outros na «troupe» camaleões que vem digerindo a carne, os ossos e o sangue do povo, são igualmente intrujões.

O medo à verdade

O austero investigador deste emaranhado caso do Angola e Metrópole encontra-se cada vez em piores lençóis. A verdade que ele pretende abafar surge sempre mais intensa. Alves Ferreira lembra-nos um doido que pretende guardar um líquido numa vasilha de madeira. O líquido vai sempre pingando; cada pinga é uma revelação formidável. Aquela asneira indesculpável de mandar apreender a correspondência ao advogado da esposa de Alves Reis desmascarou por completo o jogo baixo, rasteiro de Alves Ferreira. O terror de que da Holanda viessem informações que descobrissem a farça ignóbil que está representando assaltou o espírito de Alves Ferreira. Ia saber-se toda a verdade. Ia conhecer-se que Mota Gomes recebera dinheiro—104 contos—do Angola e Metrópole. Urgia abafar o escândalo. Como? Pela violência. Como os criminosos, Alves Ferreira para ocultar um crime praticou outro crime. Mas afinal tudo se sabe. E sabendo-o A Batalha sabe-o toda a gente, porque nós não guardamos segredos torpes, nem somos, como o ilustre investigador, capa de ladrões.

Quem mente, o Alves Ferreira ou os holandeses?

Ora, o sr. Alves Ferreira tem em seu poder a carta que o dr. Hagedoorn enviou ao dr. Cunha e Costa. Pode, portanto, verificar facilmente se nós mentimos. Se mentimos—desminta-nos.

Dizia nessa carta o advogado de Marang que ia enviar ao dr. Cunha e Costa cópia fiel das declarações que aquele preso fizera ao dr. Crispianiano da Fonseca quando esteve em Haia, e que a polícia holandesa não encontrara ainda uma única prova para sequer pronunciar o detido.

Como arranhou então o sr. Alves Ferreira aquelas informações ténicas que o habitaram a dizer nas notas oficiosas, estilo conselheiro Acácio, que Marang tinha pesadas culpas e fizera declarações comprometedoras para Alves Reis e Bandeira?

Não deve o ilustre investigador estar contente com a marcha que as cousas estão tomando na Holanda. Sua Excelência, do alto da sua austeridade, decreta em Lisboa que o Banco de Portugal nada tem com o caso das notas—e vai o advogado holandês e agita lá dos Países Baixos dois papelinhos insignificantes, minúsculos, que um sópro levaria para longe, mas que representam uma acusação formidável, esmagadora. Esses papelinhos redigidos e assinados pelo sr. Mota Gomes confessam a recepção de 104 contos.

O sr. Alves Ferreira afirma que Marang está muito comprometido. Vai o advogado escrevendo de colega para colega, e portanto sem nenhum interesse em mentir e afirma que a polícia holandesa não tem sequer matéria para pronunciar-lo.

Mas quem mente afinal, os holandeses ou o sr. Alves Ferreira? Quem procede com honestidade, o sr. Alves Ferreira, que foi já desautorizado em pleno Parlamento, pelo dr. Afonso Costa, e que praticou aquela vigarice do Banco de Seguros, ou o advogado holandês?

Vamos rir, vamos rir!...

Informa ainda o dr. Hagedoorn, na sua carta que Alves Ferreira mandou furtar, que os contratos originais das célebres transacções entre Banco de Portugal, Banco Angola e Metrópole e Alto Comissariado de Angola, não saíram de Haia. E' o sr. Alves Ferreira uma criatura de reputação internacional tão sólida que a polícia holandesa não lhe confia tão importantes documentos. Vai examiná-los por peritos competentes e mandam para cá as fotografias.

Depois vai ter muita graça o sr. Alves Ferreira, com aquela categoria e autoridade que lhe deu o Banco de Seguros, a afirmar, de cá, que os contratos não passaram de uma grosseira falsificação e a polícia holandesa, lá de Haia, a dizer que as assinaturas são autênticas. Vai ter muita graça.

Pois nós sabemos que Marang até interrogou o sr. Melo Barreto, ministro de Portugal em Espanha, sobre a autenticidade dos contratos.

Sim, nós vamos rir, vamos rir às bandeiras despregadas nas barbas austeras do Alves Ferreira. E até lá, deixemos o ilustre investigador obrar...

E' amanhã que se inicia

A SEMANA DE “A BATALHA”

Vão realizar-se grandiosos festejos de homenagem ao órgão operário, comemorando a passagem do seu 7.º aniversário

E' já amanhã que se inicia a Semana da «Batalha» para comemorar o seu 7.º aniversário, que passa, como se sabe, no dia 23 do corrente.

Actualmente o entusiasmo pelos festejos no seio da classe operária, que pretende aproveitar este ensejo para prestar homenagem ao seu órgão na imprensa.

Os festejos realizam-se durante os dias 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 28.

Na organização do programa a Comissão não se tem poupado a esforços. E' realmente um programa brilhante que vai atrair grande concorrência.

Um dos indícios seguros do entusiasmo que as festas de A Batalha veem despertando grande interesse e entusiasmo, é a quantidade e a qualidade dos brindes destinados a quemresse que a Comissão tem recebido.

O Sindicato dos Corticeiros de Lisboa ofereceu um tapete artístico em cortiça para casa de banho; Mário Castelhamo, dois solitários em porcelana de fino gosto e uma caixa para «toilette»; a menina Luisa Michel de Sousa, uma almofada em seda com o título A Batalha bordado à semelhança da cabeça do nosso jornal; o Sindicato dos Impressores, um objecto para «toilette».

Amanhã continuaremos a publicação dos objectos recebidos, entre os quais se contam verdadeiras obras de arte.

Na administração de A Batalha encontram-se à venda os bilhetes para a grandiosa recita que se realiza na próxima sexta-feira, 26, no teatro Apolo. Subirá à scena a admirável peça *Malquerida* desempenhada pela primorosa companhia Berta Bivar-Alves da Cunha, cuja gentileza para com A Batalha tem sido cativante.

Prevenimos os nossos leitores se apressem na aquisição dos bilhetes para não se arriarem a perder o lugar.

Contra os divisionistas da organização operária

Câmara Sindical do Trabalho do Porto

Na primeira reunião do seu Conselho Geral, realizada anteontem, a Câmara Sindical do Trabalho do Porto aprovou a seguinte moção, apresentada pelos delegados gráficos:

«A Câmara Sindical do Trabalho do Porto reconhecendo, ao principiar os seus primeiros trabalhos, que uns novos Proteus sob o ponto de vista operário, andam empenhados numa tarefa divisionista e, portanto, desmanteladora da organização operária sindicalista revolucionária, cujo defeito aproveita à burguesia—resolve repudiar esses tartufos e considerá-los traidores, passando à ordem da noite.»

Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto

NOTA OFICIOSA

Não podia o Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto ficar indiferente ante a acção nefasta e criminosa que certos indi-

víduos despeitados estão movendo contra a organização operária.

Neste momento em que a burguesia, por intermédio de criaturas sem escrúpulos, e com o espírito de ambição do mando, pretende, por um acto de força, fazer reviver aquelas tempos em que a imprensa operária era amordaçada e os militantes da organização revolucionária inculcados; neste momento, portanto, bastante grave para o proletariado, é que alguns indivíduos, não podendo fazer triunfar os seus desígnios políticos dentro da organização operária, pretendem criar a cisão no seu seio.

A mocidade sindicalista revolucionária do Porto vem, nesta hora em que políticos ambiciosos estão manobrando no sentido de infiltrar nas fileiras do proletariado o vírus da política, manifestar o seu mais veemente protesto contra os maneios sionistas e aconselhar todos os jovens sindicalistas a que, em todos os momentos e em qualquer parte, nortejem a sua acção de acordo com os princípios sindicalistas revolucionários.

Neste sentido, este Núcleo vai iniciar, muito em breve, uma intensa propaganda, atinente a demonstrar aos trabalhadores os intuitos reservados que animam esses indi-

PROGRAMA

FESTAS COMEMORATIVAS

7.º ANIVERSARIO

"A BATALHA"

(Dias 21 a 28 de Fevereiro)

DOMINGO, 21

A's 12 horas. Quermesse e exposição da sede.
A's 14 horas. Conferência por Manuel Joaquim de Sousa sobre «A missão da Imprensa Operária». Concerto pela excelente banda da Academia Filarmónica VERDI.

SEGUNDA-FEIRA, 22

A's 19 horas. Continuação da quermesse.
Saraus Dramático e Musical pela muito apreciada Tuna Tondelense e Grupo Dramático Solidariedade Operária que representará o drama social em 3 actos, «Gatunos de Luvá-Brança». Um entreacto social.

TERÇA-FEIRA, 23

A's 19 horas. Continuação da quermesse.
Concerto pelo aplaudido Grupo Dramático e Musical «Os Amigos da Paródia». Recitativos pelos muito apreciados alunos da Escola de Arte de Representar Araújo Pereira. Um acto de ilusionismo pelo artista Eduardo Relvas.

QUARTA-FEIRA, 24

A's 20 horas. Continuação da quermesse.
Concerto por um grupo musical sob a direcção do apreciado amador Sebastião Marques. Concílio Poético por distintos cultivadores do fado, acompanhados por exímios guitarristas. Entreacto de polémica Teológico-Filosófico-Social: «Não Creio em Deus».

QUINTA-FEIRA, 25

A's 19 horas. Continuação da quermesse.
Trabalhos de ilusionismo pelo distinto artista Lingg Constantino. Recitativos pela apreciada amadora Carmen Ferreira, sendo abrilhantados pela excelente «Troupe Musical Os Bichinhos». Entreacto de hipnotismo pelos amadores desta ciência Silva Carvalhais e Alfredo Miranda.

SEXTA-FEIRA, 26

A's 21 horas. Espectáculo no Teatro Apolo precedido duma conferência pelo distinto crítico teatral de «A Batalha» Nogueira de Brito, sob o tema: «A Influência do Teatro na Educação Popular». Subirá à scena a peça já aureolada de grande sucesso «Malquerida», desempenhada pela grande companhia de declamação Berta Bivar-Alves da Cunha.

DOMINGO, 28

A's 15 horas. Grandioso concerto musical pela popular banda da Sociedade Filarmónica de Instrução e Recreio Barreirense. Palestras sobre assuntos de organização sindical. Encerramento da quermesse e terminação das festas.

RESPOSTA A "EPOCA"

Na defesa da infiltração clerical nos hospitais civis, o órgão católico exalta as virtudes da enfermagem religiosa, esquecendo-se dos crimes das irmãs da caridade

A *Epoca*, pela pena do seu redactor A. B., está travando uma campanha contra os hospitais civis de Lisboa, e no seu artigo de ontem, aproveitou a ocasião para atacar a enfermagem laica a propósito dos fins da Liga dos Amigos dos Hospitais, afirmando o seguinte:

«Um dos principais fins da Liga deveria ser o de substituir a enfermagem laica — pretexto legal para mil e um erros, escândalos, faltas e abusos, e até repugnantes immoralidades — pela enfermagem religiosa, a mais sublime de todas pelo seu altíssimo espírito de abnegação e caridade cristã mas até hoje, a Liga não se referiu a este ponto capital, embora tenha procurado difundir-se em meios essencialmente católicos, que são os únicos onde existe, ainda, o sentimento da caridade.»

Também concordamos que a Liga deve dizer claramente se é ou pretende ser uma instituição religiosa, se pretende imiscuir-se em assuntos de enfermagem. Não me parece que assim seja, no entanto sei muito bem que lá há amigos que afinam pelo mesmo diapasão de *A Epoca*.

Muito desejaria que o informador misterioso, que deve ser alguma das ratas de sacristia, dissesse, claramente, ao público e muito principalmente aos seus leitores, os erros, os escândalos, faltas, abusos e até repugnantes immoralidades da enfermagem laica, porque me parece que as pedras iriam cair em cheio nos telhados de bons católicos que acolitam o jornal reaccionário.

Parce-me que os católicos quando mentem ficam logo em pecado mortal e *A Epoca*, órgão oficial da religião e da monarquia, trabalha a duo, deve dizer a verdade e relatar o que os leitores acabam de ler, a fim de todos ficarem conhecendo as immoralidades e os seus autores.

De resto já sabemos há muito tempo, que o espírito de abnegação e de bons sentimentos estão monopolizados pelo cristianismo e muito principalmente pelos nossos católicos. A enfermagem profissional, essa não. Somente cheia de escândalos e de abusos. Agradeçam os elogios algumas enfermeiras dos hospitais que frequentam a igreja e fogem da Associação.

A enfermagem boa é a que desempenham as irmãs da caridade, sem o menor respeito pela vida duma criatura, porque o que há a tratar é da alma e não do corpo, e como dizia uma irmã da caridade num hospital do Porto, quando um doente se queixava: *sofra, sofra, que Cristo também sofreu*.

Se a enfermagem laica cometesse a serie de abusos a que se refere *A Epoca*, decerto, já teria pedido para toda essa gente a força, o que poderemos fazer descrevendo a serie de abusos e crimes das irmãs da caridade. É uma questão de relembrar, porque estas ratas estão muito esquecidas. Desgraçada Sara de Matos, assassinada pela mão carinhosa duma irmã da caridade irmã Colletta, anjo no espírito de abnegação e de caridade cristã.

Mendes Lage, o seráfico católico e bom

vidúos que, presentemente, com o seu procedimento, estão atraíndo todo o seu passado cheio de afirmações caracterisadamente libertárias. — A comissão administrativa

médico, passando a certidão de óbito a defender a seita!

Santas criaturas todas do quilate dessas boas religiosas de Santarém a que *A Batalha* largamente se tem referido.

O pessoal hospitalar e principalmente a enfermagem devem estar alerta contra estes maneios reaccionários. Observem bem o rasteiro destas toupeiras e não será difícil ver-lhes as intenções.

O reaccionarismo está estendendo as suas garras: nunca conseguiram ver admitidas nos hospitais de Lisboa irmãs da caridade, proibidas pelas leis liberais apoiadas numa forte corrente liberal, mas vem agora, quando ninguém acredita nos seus belos dotes, fazer a apologia de hábitos que já não é fácil ressusitar.

Fico esperando que a Liga dos Amigos — e temos lá cada um! — diga alguma coisa sobre o assunto, chamada agora a terreno pela *Epoca*. Ao menos para sabermos com quem lidamos.

Para os leitores verem o que é a sinceridade dessa gente: O dr. João Pais de Vasconcelos, director geral dos Hospitais Civis, numa pastoral, ou coisa que o valha, foi elogiado pelo cardeal patriarca pela iniciativa da organização da Liga e em termos muito bonitos. Pois agora é o órgão dos católicos que lhe está levantando a referida campanha. Processos já muito sabidos: tapam por um lado mas vem o diabo e destapa por outro.

O pessoal hospitalar, e toda a enfermagem laica, deve estar sempre alerta e engrossar os seus sindicatos profissionais. Bem organizados, defendendo a sua organização de classe, não tenham receio porque os morcegos não entram onde haja luz.

Abel da CRUZ

Concurso de Cegadas

Realiza-se hoje e amanhã no Salão de Festas da Construção Civil um concurso de cegadas que foram premiadas em várias Sociedades. Serão conferidos três prémios às que melhor se exibirem. O júri é composto por criaturas competentes.

Certame de cegadas

Realiza-se hoje na sede do Sindicato Metalúrgico, rua da Esperança, 122, 2.º, pelas 21 horas, um concurso de cegadas que obtiveram prémios em diversos concursos já realizados.

São conferidos 2 prémios às mais classificadas.

Exposição de pintura

Na Sociedade de Belas Artes, à rua Barata Salgueiro, abre hoje, pelas 13 horas, uma exposição de pintura do artista pintor sr. Joaquim Lopes.

CAMARA SINDICAL DO TRABALHO DO PORTO

Na sua 1.ª reunião, o Conselho Geral, entre outras resoluções importantes, protestou contra as deportações e saudou «A Batalha» e a C. G. T.

Na quarta-feira passada, efectuou-se a primeira reunião do Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho do Porto. Estavam presentes os delegados dos seguintes organismos: Sindicatos Unicos: Metalúrgico, Construção Civil, Têxtil, Mobiliário, Vestuário e Metalúrgicos de Gaia; Ligas: das Artes Gráficas e da Viação Portuária; e Associações: dos Litógrafos, Jardineiros, Manipuladores de Pão, Marfins da Foz do Douro, Taneiros, Barbeiros e Confeiteiros e Artes Correlativas.

Aprovada a acta da última sessão do Conselho Federal da extinta União dos Sindicatos Operários, são lidos officios da Liga das Artes Gráficas, Confeiteiros, Enfermeiros, Construção Civil e Metalúrgicos de Gaia — acreditando os seus novos delegados e saudando a Câmara Sindical do Trabalho, fazendo votos para que a organização local entre numa nova fase de vitalidade sindicalista e que de futuro os seus trabalhos sejam duma proficuidade comprovada.

Depois de José Rodrigues Reboredo, em nome da sua classe, apresentar as suas saudações efusivas à Câmara, e de dar umas explicações de ordem interna — foi lido o relatório financeiro da C. A. da U. S. O., para a qual foi nomeada a seguinte comissão revisora: C. V. S., Rodrigues Reboredo e Francisco de Sá.

Foi aprovada uma moção assinada por Marcelino Pedro, Francisco Ferrão e C. V. S., dos gráficos, no sentido de se conseguir uma outra sede, dada a insuficiência das salas da Liga das Artes Gráficas para o movimento que a Câmara Sindical deve ter posteriormente.

Augusto de Paiva, dos Barbeiros, aditou para que essa nova sede a conseguir esteja nas condições de servir para os restantes organismos operários — tanto mais que há algumas colectividades corporativas que experimentam a necessidade quasi absoluta de uma nova sede.

Aprovado o aditamento, foi nomeada uma comissão para tratar deste caso, a qual fica composta dos seguintes camaradas: Joaquim do Carmo, Vaz Osório e Tavares Adão.

Tratou-se, depois, da triste situação dos presos por questões sociais e da acção que a Câmara tendia desenvolver pró-solidariedade aquelles vítimas das autoridades republicanas. Para que este gesto de solidariedade atinja uma expansão exigida pelas circunstâncias penosas, em que se encontram os presos, foi nomeada a seguinte comissão: Francisco Ferrão, Jacinto Garcia, Joaquim do Carmo, Joaquim Augusto de Paiva e João Fernandes — dentro os quais será um delegado para assistir a uma assembleia que os manipuladores de pão vão efectuar pró presos.

Foi aprovado este documento de J. Reboredo:

«O Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho do Porto, reunido hoje pela primeira vez, saída a C. G. T. como representante do operariado do país e, portanto, do operariado desta cidade — bem como *A Batalha*, porta-voz da organização operária. Ao mesmo tempo este Conselho faz votos por que o operariado do Porto, integrado no principio de luta de classes, saiba corresponder activamente aos objectivos do novo organismo criado nesta cidade, contribuindo assim para a definitiva constituição das células da Organização Operária, base duma sociedade mais justa e igualitária em substituição da nefanda sociedade burguesa, causa das iniquidades sociais.»

Foi também aprovado o seguinte documento apresentado por C. V. S.:

«O Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho, ao encerrar os trabalhos da sua primeira sessão, saída os deportados e grevistas de Lourenço Marques e protesta veementemente contra o regulamento do alto commissário de Mocimboa.»

José R. Reboredo fez diferentes perguntas sobre a existência da União dos Trabalhadores Marítimos do Norte e acerca ainda de uns delegados divisionistas que foram ao Porto — as quais Joaquim do Carmo respondeu em seu nome simplesmente, declarando que oficialmente e de um modo mais claro, em breve a C. S. terá mais amplas informações.

Satisfeito o camarada interpellante com as explicações, submeteu à aprovação este protesto:

«O Conselho Geral da Câmara Sindical do Trabalho do Porto, hoje reunido pela primeira vez, protesta contra as deportações ordenadas pelo governo português e saída todos os camaradas deportados que se encontram a feros desta República — saudando, aliás, que abrange todas as vítimas do regime capitalista sem distinção de fronteiras.»

Reconhecendo-se a necessidade da nomeação da Delegação Confederal do Norte, procedeu-se a ela, dando este resultado: C. V. S., J. Carmo, Zacarias de Lima, Marcelino Pedro e Tavares Adão.

Hoje

em duas sessões

A BRILHANTE FANTASIA

As onze mil virgens

NO EDEN-TEATRO

ESPECTACULO MARAVILHOSO

em que LAURA COSTA é encantadora

Desempenho inigualável

Scenários interessantes

AS GREVES

Pessoal da fábrica Vulcano

Reuniu ontem o pessoal grevista da fábrica Vulcano para apreciar o seu movimento. Foram depois desta reunião distribuídos os donativos aos grevistas.

Hoje reúne-se pelas 14 horas, na sede do «sindicato», para tratar dum assunto importante.

Quetes abertas em diversas oficinas a favor dos grevistas:

«Obras do Novo Manicómio Miguel Bombarda, 75325; Oficina Guteleria e Serralharia Viúva José da Silva, 15300; Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, 150300; Serração Vitória, 13300; Sociedade Industrial de Chocolates 24 de Julho, 14385; Fábrica de Chocolates Iniguez, 2390; Serração Viúva Ferreira, 26340; Sociedade Nacional de Carrocerias, 15300; Oficina Cardoso, 29310; Companhia Nacional de Moagem, 24325; Oficina Guilherme Marques, 13350; Serração J. Lino, 20383; Fábrica Social, 42340; Oficinas da Parceria dos Vapores Lisboenses, 19335; C. P. Santa Apolónia, 19735; Fábrica Portugal, 82380; Joaquim de Sousa, 2300; Oficina José dos Santos, 15300; Companhia Previdente, 31390; Metalúrgicos Doura e Abatroz, 16350; Oficina Capucho, 51300; Companhia dos Tabacos, 110350; Oficina Tibaldo e Tavares, 23300; João Porri Oficinas, 13300; Fábrica Stret, 61300; Oficina Henrique, 5300; Oficina Eduardo Augusto de Oliveira, 2350; Latoaria Mecânica R. Silva Carvalho, 11350; Oficina Pinhão, 16300; Oficina Jacinto Ferreira, 12350; Oficina Vital, 20335; Instituto Superior Técnico, 11350; metalúrgicos a bordo do «Ferreira-Veloso», 56310.

Shell, secção de chauffeurs, 18300; Central Tejo, 26300; Fábrica Promite, 40360; Oficina Machado, 9300; Sociedade de Construções Metalicas, 17325; Parry & Sons, Cinjal, 59300; Oficina de Parafusos da calçada dos 7 Molinhos, 17350; Oficina de Graça José Coelho, 30320; Oficina Joaquim da Estrutura, 14300; Oficina Freitas, 16360; Oficina Argibão, 20300; Oficina Vicente Esteves, Amoreiras, 43325; Oficina Lory & Irmãos, 8380; Metalúrgica Naval, 6300; Oficina de Caldeiraria e Forjas, 11390; Casa Fiat, 34350; Capucho da Mouraria, 13300; Oficina Viúva José da Silva, 17300; Fábrica de Cerveja Jansen, 21300; Oficina da *Batalha*, 10300; Vacuum Oil Companhia, secção de latoraria, 33300; Um grupo de operários, 48300; Metalúrgica da Granja, 6300; Fábrica Simões de Benfica, 10300; Moradores da Vila Adélia, 25320; Oficina Norberto, 14350; Oficina João de Matos & C., 24300; Oficina A. E. G., 27300; Companhia das Águas, Campo de Ourique, 27350; Oficina Vitor Knotz, 11350; Oficina Ivo Dias, 17370; Oficina Lisboa, 5300; Augusto & Dias, oficina, 25350; Oficina Darjant, 64370; Fábrica da Bolacha da Pampulha, 37300; Companhia de Telefones, 24300; Oficina Domingos da Silva, 16300; Oficina Romão & C., 31300; Grupo de Operários José Alexandre, 12350; Companhia Oriental, 19300; Rua Vieira Lusitano, oficina, 8300. Total, 2.103340.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Braga» são hoje expedidas malas postais para Ponta Delgada, Horta e New York e por via Algeciras e Gibraltar para a ilha de Timor.

Da Caixa Geral as últimas tiragens de correspondências são, respectivamente, às 9 horas da manhã e 5,40 da tarde.

OS QUE MORREM

Realiza-se hoje, pelas 14 horas, da rua do Cardal a São José para o Alto de São João, o funeral de Maria Antónia Videira, de 13 anos, filha de António Videira e de Maria Merência Lopes, que na passada terça-feira foi atropelada pelo automóvel S. 6012, que pertence ao major de infantaria António Maria Pinto Salgado.

Actor Matos Reis

Na sua residência, rua Nogueira e Sousa, 6, 3.º, faleceu ontem o actor Matos Reis. Era um artista modesto, consciencioso e muito estimado nos meios teatrais.

A direcção do Grémio do Sindicato dos Artistas Teatraes convida todos os artistas a incorporar-se no funeral que se realiza hoje, pelas 10 horas, da acima referida residência para o cemitério Oriental.

Manuel Ferreira

Finou-se ante-ontem e foi ontem a sepultar o camarada Manuel Ferreira, operário que foi sindicado na Secção Profissional dos Serventes. Possuía dum caracter impoluto era geralmente estimado. A manifestação derradeira que os seus camaradas e amigos lhe prestaram revelou bem a simpatia que o rodeava. Do Hospital do Rêgo onde faleceu para o cemitério do Lumiar, organizaram-se turnos pelo pessoal do Novo Manicómio de Lisboa, Secção Profissional dos Serventes e delegados das secções a vários organismos e a comissão administrativa da Secção de Palma onde o falecido era filiado.

Coliseu dos Recreios

HOJE às 21 horas HOJE

ESTREIA

= DA =

Nova Companhia de Circo

As últimas novidades e atracções

AMANHÃ: Primeira matinée

BILHETES Á VENDA

TEATRO NACIONAL

Telefone N. 3042

BREVEMENTE

a 1.ª representação

da comédia em três actos

AMOR VENCE...

Protagonista

ESTER LEÃO

Encenação do professor

ANTONIO PINHEIRO

Autoridades e policia da P. S. E. que provocam desordens e têm cadastros como ladrões

O barbeiro José Vieira mais conhecido, em pleno Bairro Alto, por «José Magala» tentou agredir a tiro a dona duma taboalagem da travessa da Boa-Hora. Como se encontrava completamente embriagado a arma disparou-se-lhe inesperadamente, indo uma bala atingir de recôchete a meretriz Delina L. de Paula. No governo civil averigou-se que ele era agente ao serviço da P. S. E. No acto de violência que praticou, tirou do bolso a seu cartão a fim de que a sua vítima soubesse que ele era autoridade!

No Barreiro as provocações dum indivíduo denominado José R. Mortagua originaram uma grave desordem da qual ele foi a principal vítima. Nas suas algibeiras foi encontrado um documento do qual se deprehendia que ele exercia as funções de mantenedor da ordem.

Soubese — e isso era público e notório — que ele tinha um largo cadastro e que fora chefe duma quadrilha que assaltara um comboio de mercadorias, tendo ficado com uma perna decepada pelo rodado da locomotiva quando pretendia fugir.

Estes dois factos provam à evidência tudo quanto aqui temos dito sobre a policia em geral e a P. S. E. em particular. E são indivíduos desta jaez, que praticam infâmias e crimes como os que acima relatamos, que possuem cadastros infamantes, quem está encarregado de velar pela ordem pública. E pensar que são bandidos deste quilate quem nos persegue espanca e prende e assassina!

Uma prevenção: «José Magala» trabalhava na barbearia da rua da Rosa, 39, pertencente a António Gonçalves. Nessa barbearia trabalhava Serafim Gonçalves que é espião da P. S. E. Prevenimos todos os operários que frequentam a referida barbearia que deixem de o fazer a fim de evitar surpresas desagradáveis.

Ourivesaria e Joalheria

SANTOS CATITA, L.ºA

R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido de objectos de ouro e prata e relógios das melhores marcas. Compram e pagam ao melhor preço ouro e prata para derreter.

Contra o movimento fascista

Uma decisão da Câmara Sindical do Trabalho

A fim de se occupar do falado movimento reaccionário militarista, reuniu extraordinariamente o Conselho de Delegados, que depois de varia discussão no sentido de prevenir o proletariado da capital para estar alerta contra os maneios reaccionários aprovou por unanimidade a seguinte moção:

«A Câmara Sindical do Trabalho», reconhecendo que o assunto se encontra suficientemente discutido e atendendo que este organismo já em tempo, votou uma moção em que resolvia tomar parte em todas as manifestações que tenham como objectivo o ataque cerrado às «forças vivas», e reconhecendo também que no presente momento essas mesmas «forças vivas» se preparam para dar o golpe final, pretendendo instituir uma ditadura militar.

O Conselho resolve ratificar as resoluções tomadas e agir até revolucionariamente, visto que, a uma revolução feita pelos chamados homens da ordem, doutra forma se não pode responder, e nestas condições proclama desde já, e em principio, a greve geral revolucionária.»

SOLIDARIEDADE

A festa pró-ferroviários deportados

Fica transferida para o dia 3 de Abril, a festa de homenagem aos ferroviários deportados de Lourenço Marques, que se devia realizar amanhã.

Os bilhetes encontram-se à venda na sede do Grupo Dramático Solidariedade Operária, Calçada do Combro, 38-A, 2.º e na Federação Ferroviária, Largo de São Domingos, 11-J, 2.º

Pró-vida e filha de Bernardo Ramos da Costa

Pela última vez a comissão convida os que se encarregaram da passagem de bilhetes para os virem liquidar hoje na calçada do Combro, 38-A, 2.º, das 20 horas em diante.

Por motivos imprevistos mais uma vez ficou adiada a festa em auxílio de Manuel Carvalho, a qual se realiza imprevisivelmente no domingo 7 de Março, pelas 14 horas.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

TIVOLI

Telef. N. 5474

Soirée às 8 3/4

Pela primeira vez em Portugal

TOM MIX

o celebre artista americano em

O tio Paciencia

Film de emoção e aventuras em

sete partes

A absolvição

Comédia dramática em seis partes

Amanhã: Matinée às 3 horas

TEATRO APOLLO

— HOJE a farça

MARIOS ENCRUADOS

em que ADELINA ABRANCHES tem uma admirável criação

SEGUNDA FEIRA

festa artistica

— DE —

ANTONIO SACRAMENTO

COM A

MALQUERIDA

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Reclames

Hoje e amanhã são no Gimnásio, as últimas representações de duas peças graciosas de géneros absolutamente opostos: a delicada comédia «Vida e Doçura» em que Palmira Bastos é admirável, acompanhando a esplendorosamente no desempenho Gil Ferreira e Henrique de Albuquerque, e a «Revista Nua», que desperta irreprimíveis gargalhadas sendo sempre repetidos entre outros números o que alude aos últimos movimentos políticos e o das notas falsas com a linda música de «As Rosas» do «Foot-ball», em que Alegria é impagável. Não falte pois, no Gimnásio, quem quiser gosar um esplêndido e divertido espectáculo.

—Todas as noites o teatro Maria Vitória tem duas enchenches colossais, bastando-lhe para isso anunciar a sua incomparável revista «Foot-ball», que dispõem de numerosíssimos atractivos tem ainda a interpretação a um núcleo de artistas que são dos melhores no género. No «Foot-ball» há melhores das mais palpitante actualidade, havendo copias novas no número do «Jorça», pelo popular actor Santos Carvalho. O «Foot-ball» repete-se sempre, no Maria Vitória, em duas sessões.

—É verdadeiramente sensacional o concerto sinfónico dirigido pelo maestro Fernandes. Fio que realiza amanhã, às 15 horas, no Gimnásio e para que os nossos leitores possam avaliar o seu brilhantismo, publicamos-lo a seguir:

1.ª parte: «Cantares do meu país», fantasia, Tomás de Lima; «Eterno enigma», poema sinfónico, António Eduardo da C. Ferreira; 2.ª parte: «Concerto n.º 1» (sol menor para violino e orquestra), Max Bruck; Violino, solo, Mário Simões Dias; I Prelúdio; (Allegro moderato); II Adagio; III Finaie (Allegro energico); 3.ª parte: «A Valsa», poema coreográfico para orquestra, M. Ravel; «Dansas do Principe Igor», Borodine.

Como se vê serão executadas primorosas composições musicais figurando entre as novidades dessa audição «Os cantares do meu país» inspirada fantasia do prof. Tomás de Lima, obra sinfónica composta sobre temas populares e que o seu autor dedicou à Orquestra Sinfónica do Rio de Janeiro que vai em breve interpretá-la. Outra atracção e não menos notável do concerto de amanhã, no Gimnásio é a apresentação do exímio violinista cego Mário Simões Dias que se fará ouvir num solo e acompanhado pela orquestra portuguesa. Amanhã, no lindo edificio do Gimnásio, não deixarão de reunir-se todos os amadores que prestam culto à arte nacional.

—Como se noticiou estream-se esta noite no São Luis a zarzuela «Pobre Valbueña» e a opereta «A Alsaciana» estreando também, contratado em representações, o actor Joaquim de Oliveira que na zarzuela desempenha o interessante papel de «Pepe Tranquillo», não sendo este, certamente, o pormenor relevo sendo certo que o distinto artista, antigo sociário do Nacional é hoje um dos melhores actores característicos.

—No Coliseu dos Recreios estream-se esta noite a Nova Companhia de Circo que ali vem encerrar a temporada de inverno, sendo portanto a última desta época. Absolutamente diferente das que a precederam, a nova companhia traz no seu programa números de género inteiramente novo, sendo alguns deles de grande carácter artistico, executados no palco. Estão neste caso as reproduções de estátuas de mármore, feitas pela célebre Madame De Bakkers, a mulher mais perfeita do mundo, e as dansas luminosas por «mademoiselle» Nancy, lindíssima mulher e uma artista de raro merecimento. Entre outras grandes atracções da nova companhia está o famoso Deen, o «demonio vermelho», no seu fantástico trabalho numa motocicleta a mais de 200 quilómetros à hora.

Teatro Maria Vitória

Duas sessões

A's 8 1/2 e 10 1/2

A RAINHA DAS REVISTAS

O maior éxito até hoje registado

FOOT-BALL

Enchenches sobre enchenches

Preços populares

Geral 4\$00

TEATRO DO GIMNASIO

Direcção artistica de GIL FERREIRA

TELEF. C. 2514

HOJE—A's 9 da noite

A delicada comédia de enorme éxito

VIDA E DOÇURA

Admirável criação de PALMIRA BASTOS com Gil Ferreira e Henrique de Albuquerque.

A graciosissima

REVISTA NUA

desempenhada por toda a Companhia deste teatro

Números repellidos — lindissima musica — Graças ás rittas — palpitante actualidade

Domingo-10.º CONCERTO SMO. tomando parte o exímio violinista cego MARIO SIMOES

SÃO LUIZ

Telef. C. 224

HOJE, Sábado às 21 horas

ESTREIAS

A zarzuela

POBRE VALBUENA

A opereta

A ALSACIANA

A Indústria Vidreira seriamente ameaçada

Se não se atender à situação grave que atravessa a especialidade cristaleira em breve encerrarão as respectivas fábricas

Dizemos no artigo anterior, que o cristal não tem tido dos poderes centrais aquela protecção que era mister. Basta ver a disparidade de garantias da mesma especialidade vidreira, para se ver, que a persistir tal situação, o cristal terá que deixar de figurar como indústria nacional.

A agravar tudo isto temos ainda a circunstância de o cristal ser composto de matérias primas importadas do estrangeiro. Não sabemos qual o motivo que determinou o desprezo pelo pedido feito há tempos para a alteração das pautas do cristal.

Quere-nos parecer que não se tomou em consideração a reclamação ultimamente feita, pois que se o tivesse sido, alguma coisa haveria neste sentido. A especialidade cristaleira tem tanto artefacto que, para os enumerar, occuparíamos muito espaço.

Há, por exemplo, uns artigos que enfileiram na categoria de inferiores, já porque o vidro de que são feitos, não é cristal de primeira, já porque os dispendios com a mão de obra são relativamente poucos.

São estes artigos que os cristaleiros querem equiparar com a vidraça, devido à sua analogia.

Todavia, o vidro de vidraça, é feito de materiais ordinários, enquanto que o cristal já tem outros requisitos.

Ainda a fundição da vidraça é feita em fornos de tanque e a fundição do cristal, em fornos de potes ou cadinhos. A vidraça até chegar ao armazém pode passar pelas mãos de sete homens, enquanto que um copo, por muito ordinário que seja, passa por nove ou dez pessoas.

E' bom notar que só contamos aquele pessoal que o manipula, aperfeiçoa e acaba.

Para demonstrarmos melhor como é diferente a fabricação da vidraça do cristal, diremos que, junto do forno, — somente no forno — se empregam sete pessoas, para a fabricação de um copo, enquanto que na vidraça simplesmente se empregam três.

Passam ainda os artigos de cristal por certas preparações que tornam mais oneroso o mesmo objecto. Além disso os artigos de cristal, são por sua construção, muito mais frágeis do que os de vidraça.

Os artigos de que temos falado são de cristal ordinário.

Porém, há ainda na mesma especialidade, outra categoria: a do cristal fino e cores diversas.

E' no fabrico destas peças, que dizem estar a factura muito atrasada em comparação com o estrangeiro.

O estrangeiro de facto apresenta cousas neste genero, verdadeiramente maravilhosas.

Mas isso não quer dizer, que em Portugal as não saibam fazer. Só o dirão aqueles que descreem no espirito inventivo do homem.

O vidreiro português, não tem, é certo, a preparação necessária, mas tem por seu lado, como ajuda poderosa uma grande intuição dos problemas industriais que directamente lhe dizem respeito.

Nas oficinas de manipulação do cristal não há máquinas. No estrangeiro são elas que dão ao homem o poder para completar aquilo que o espirito começou.

A-pesar-disso, ninguém até hoje se pode gabar que entregasse uma amostra a um cristaleiro, que ele a não executasse depois de algum estudo.

Se não é por isso, porque será então que o país não apresenta igual ao que nos manda o estrangeiro, perguntará o leitor?

E' que o artefacto português de cristal não estuda, devido às empresas não terem pedidos de objectos de luxo. E porque não têm essas empresas os pedidos desses mesmos objectos?

Porque no país, tem-se por mania preferir-se o artigo estrangeiro ao nacional, muito embora o nacional seja por vezes muito melhor.

Mas então poderá concorrer?

Não pode, porque, os estrangeiros metem aqui os produtos sem lucro algum, e por vezes até com prejuizo. Sómente lhes interessa a entrada do ouro com as transferências.

Aggrava esta circunstância, o facto de a industria portuguesa ter que importar as matérias primas essenciais para o fabrico do cristal fino de primeira qualidade.

A especialidade cristaleira não poderá viver e prosperar fabricando somente copos, garrafas e outros objectos ordinários. O cristal para viver, tem que acompanhar, as exigências da época.

Certamente que ninguém presentemente vai adquirir uma garrafa pesada, inestética, pejada de hieroglifos em relevo.

Um destes copos que acumulam poeira nos riscos fundos que têm gravados nas paredes, foi banido, posto de lado porque é feio e anti-higiénico. Hoje quer-se um copo leve, transparente e elegante.

O que se dá com estes objectos dá-se presentemente com todos os que dizem respeito ao cristal. Não podendo a especialidade cristaleira competir com o estrangeiro, zo que se impõe? Positivamente uma reforma de pautas.

Reformando-se, porém, as pautas o cristal subirá simultaneamente de preço por que está livre da concorrência estrangeira, dirá o leitor.

Isso não acontecerá porque o cristal, se não for acessível à bolsa do consumidor, não se venderá. Ora, não se vendendo, haverá super-produção e as fábricas não poderão continuar a fabricar.

Presentemente os comerciantes do artigo de vidraça só adquirem cristal estrangeiro por lhes deixar maior margem de lucros, apoucando até o nosso. No entanto não quer dizer que não se venda como estrangeiro muito artigo que é bem nacional.

Mas o consumidor, que se habituou a deixar-se enganar pelo "honrado" e "patriótico" comerciante, paga bem caro a sua ingenuidade.

São estas as principais causas que dificultam a expansão e progresso da industria cristaleira portuguesa, que no tempo de Guilherme Steffens chegou a rivalizar com a estrangeira.

Vales de FETRAIS

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-malthusianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$31

A peste religiosa..... \$40

A Liberdade..... \$52

A Internacional (música e letra)..... \$20

Pedidos à A BATALHA

em no Cais do Sodré, 43

AGENDA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 7,23	
S.	13	20	27	Desaparece às 18,19	
D.	7	14	21	28	FAZENDA DA
S.	1	8	15	22	L. C. dia 27 às 16,51
T.	2	9	16	23	O. M. dia 27 às 23,25
Q.	3	10	17	24	L. N. dia 27 às 17,20
					O. C. dia 27 às 19,12,36

MARES DE HOJE
Praiamar às 8,52 e às 9,28
Baixamar às 1,41 e às 2,22

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94575
Madrid cheque		2576
Paris, cheque		571
Suíça, cheque		3377
Bélgica cheque		389
New-York, cheque		19555
Amsterdão, cheque		7584
Itália, cheque		79
Brasil, cheque		2592
Praga, cheque		558,5
Suécia, cheque		5824
Austria, cheque		2576
Berlim, cheque		4567

ESPECTACULOS

THEATROS

Almôndega — A's 21,15 — Vida e doçura. «Revista Nova».

Apolo — A's 21,15 — Maridos encavados.

Trindade — A's 21,15 — Arco-Íris.

Politeama — A's 21,30 — Não te melindres Beatriz.

São Luis — A's 21,30 — Pobre Valbucena «A Alcatraz».

Renânia — A's 21,15 — O Pão de Ló.

Eden — A's 20,30 e 22,45 — As onze mil virgens.

Maria Vittória — A's 20,30 e 22,30 — Foot-Balls.

Saleto — A's 9,15 — Pom Pom.

Coliseu — A's 21 — Grande companhia de circo.

Joaquim de Almeida — Animatógrafo.

Cinema El Vicente (à Graça) — Espectáculos às 3, 5, 7, 9, sábados e domingos com matinees.

Lezíria Turque — Todas as noites. Concertos e divertimentos.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chado Terrace — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora..... \$3,00

Sapatos em verniz..... \$3,50

Botas pretas (grande saído)..... \$4,50

Botas brancas (saído)..... \$4,50

Grande saído de botas pretas..... \$4,50

Botas de cor para homem..... \$4,50

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a "Luz".

«Luz» bem, pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria é a rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 92.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 24 desta revista intitulada «Los hijos de la calle», de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

DIVISÃO DE VIA E OBRAS

ARMAZENS

Venda de barris vazio

No dia 19 de Fevereiro, pelas 12 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para a venda de barris vazio servidos a oleo.

As condições estão patentes, em Lisboa, na Divisão de Via e Obras—Armazens—(edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias uteis das 10 às 13 e das 14 às 17 horas.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 11,30, horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio externo da estação do Rocio.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1926.

O Director Geral da Companhia

(a) Ferreira de Mesquita

FATOS completos e sobretudo

em bom cheiro com bons forros e bom acabamento, para homem, deade.

IMPERMEVEIS para homem com cinto e capuz..... \$29\$00

Em oleado, castanho..... \$49\$00

Duas jacos, gubarrine e oleado para vestir dos dois lados, cores, preto e bege..... \$24\$00

Duas jacos para vestir dos dois lados, castanho e bege, em lã..... \$42\$00

Em gubarrine, preto de lã, padão de oficial de marinha..... \$38\$00

Imitação de capuz e cabedal, modelo para automóvel..... \$40\$00

IMPERMEVEIS para senhores com cinto e capuz..... \$29\$00

Em lã..... \$22\$00

Descontos para revenda

Para a provincia remetemos catálogos com amostras a quem pedir

170, Rua da Boa Vista, 172

Rua do Amaro, 36

FERRAGENS E FERRAMENTAS
CUTELARIAS E TALHERES
LOUÇA ESMALTADA
GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS
REDE E PREGARIA

Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralheiros, etc., etc.

FOLES, VENTONHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33 — LISBOA

Telefone C. 2890

VIANA, REIS & NUNES, L.^{da}

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS

A COOPERATIVA DE CHAUFFEURS LISBONENSE PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528

Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

Valério, Lopes & Ferreira, L.^{da}

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metalis, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

64, R. DO AMARÃO, 66 — LISBOA — TELEFONE 3930, N. GRAMAS, FERRAGENS

Aos industriais Cola a frio "CERTUS"

Produto alemão que se dissolve em água fria com grande força de adesão. Resiste ao calor e à humidade.

Substitui o grude.

Cola madeira, ferro e aço, lousa, vidro, oleado e mármore sobre madeira, papel sobre papel, papelão sobre papelão.

Vende-se em latas de 1 e 5 quilos.

Agente: Luiz da Luz Seixas

Rua dos Fanqueiros, 30, 2.º, E.

Armazens do Poço do Borratém

Dias, Gonçalves & Dias, Limit.^a

Abriu este novo estabelecimento com um belo sortido de: Panos brancos e crus, especialidade da nossa casa, atalhados, colchas, riscados, cotins, camisas, assim como lençóis, camisaria e gravataria, retrosaria.

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

No vosso interesse visitai a nossa casa

37—Poço do Borratém—38

Livros em espanhol

A' venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure 10\$00

La Revolution Social em Francia, Miguel Bakunine (2 volumes) 20\$00

Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri 2\$50

La Ukrania revolucionária, Agustín Souchy 1\$50

Anarquismo y organización, Rodolfo Rocker 1\$00

Entre campesinos, E. Malatesta 1\$00

En Ukrania, Rudenko 1\$00

Miguel Bakunine, J. Guillaume 1\$00

Los anarquistas (Estudo e replique) Lombroso y Mella 5\$00

Errico Malatesta, Max Nettlau 6\$00

Artistas e Rebeldes, R. Rocker 9\$00

Nicolas Romain Rolland 4\$00

Soviet o Dictadura, Varin 1\$50

El Estado moderno, Kropotkin 5\$00

Dictadura y Revolucion, Luiz Fabri 10\$00

Bolshevismo y Anarquismo, Rodolfo Rocker 1\$00

Problemas universitários, Lelio O. Leno 1\$00

La Revolucion, José Torralvo 1\$00

Dios y el Estado, M. Bakunine 3\$00

Paginas selectas, Multatuli 3\$00

Ensayos y Conferencias, Pedro Gon 3\$00

Dos años en Russia, E. Goldman 2\$00

Quinet, Falaiz 10\$00

La pena de muerte, G. Alomar 1\$00

A prestações

CALÇADO, fazendas, fatos, vestidos, sobretudos, casacos, roupas brancas, meias, malas, relógios, mobílias, SEM FIADOR. Travessa André Valente, 7 (à calçada do Combro); avenida Almirante Reis, 62; rua do Olival (à Pampulha), 248; calçada da Cruz da Pedra, 1 a 3 (à Xabregas), e no Pórtio, rua Fernandes Tomás, 193.

REBUÇADOS PEITORAIS

Dr. Centazzi

Os melhores para a tosse, catarrhos e bronquites.

Livres de essências artificiais

Cuidado com as imitações

Pedir em toda a parte

Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebuçados, com o papel imitando o nosso.

Unguento de São Lázaro

Cura todas as doenças da pele e feridas, por mais antigas e rebeldes que sejam. Caixa 2\$50.

A' venda na

FARMACIA PORTUGAL

216, RUA AUGUSTA, 216 — LISBOA

LA KABILINE

Tintas francesas para tingir em casa

Exija em todas as drograrias porque é a mais económica, mais rápida e de efeitos seguros.

BOLAS KABILINE

para reavivar a cor aos tecidos

KABILOXINE

substitui com vantagem a saponaria

KABIMITE

contra a traça

Shampooing El-Kibir perfumado

G. Pouymayou, L.^{da}

ARCO DE JESUS, 3 — (ao Campo das Cebolas)

Todos da mesma opinião

Monarquicos, republicanos, socialistas, comunistas, sindicalistas e anarquistas: o melhor e o mais barato é indistintamente o

Sabonete Santa Clara

Encontram-se em toda a parte os sabonetes da Fábrica de Santa Clara:

«Redondos», «Redondinhos», «Luxor», «Espumante», «Glicerina 100%», «Oriental», «Melissinde», «Higienique», «Pierrot Dyer» e sabão em barras «Dyore».

Venda por atacado: SOCIEDADE CRUZ SOBRINHO — Rua do Carmo, 43, 1.º — Lisboa.

Guerra aos parasitas

"ÁTILA"

O melhor produto para a limpeza da cabeça e higiene do corpo.

Resultado rápido e eficaz na extinção dos parasitas.

Frasco — 2\$50

A' venda nas boas casas

Depósito em Lisboa:

Drogaria J. Pimenta, Rua do Alecrim, 34.

Drogaria Viúva Simões & Teixeira, Rua dos Fanqueiros, 236.

Drogaria

A OBRA DUM ALTO COMISSÁRIO

Os ferroviários deportados de Lourenço Marques, ante a discussão de um empréstimo de 18.000 contos para a provincia de Moçambique, apresentam um resumo da obra nefasta — violências, crimes e esbanjamentos — do Alto Comissário Azevedo Coutinho, com vista ao público, aos senadores e deputados

Os ferroviários de Lourenço Marques, deportados pelo Alto Comissário de Moçambique, dirigiram ao poder legislativo uma larga Representação, na qual se faz a história do grandioso movimento grevista de Lourenço Marques e se explica como de noiva tem tido a obra administrativa do sr. Azevedo Coutinho.

A representação referida é do seguinte teor:

No Conselho Executivo de Moçambique, foi presente e aprovada uma Reorganização dos C. F. L. M. que aumentava os vencimentos do pessoal superior e diminuía regalias do pessoal de tracção, movimento e oficinas.

Contra as alterações de vencimentos e diminuição de regalias, manifestou-se, no referido conselho, o ex-governador geral, dr. M. Moreira da Fonseca, e o ex-encarregado do governo, coronel Santana Cabrita. O pessoal de tracção e oficinas pediu a anulação dessa Reorganização, na parte que afectava as suas antigas regalias.

O movimento

Não tendo o governo atendido o desejo dos ferroviários, estes, em 10 de Novembro reuniram-se na Casa dos Trabalhadores (edifício que é propriedade das classes operárias) e resolveram largar o trabalho, no dia seguinte, pelas 10 horas.

Dia 11 de Novembro. — As 10 horas, os ferroviários largaram o trabalho, ordenadamente, deixando todo o material na melhor ordem, sem um único parafuso fora dos seus lugares.

Nos dias seguintes o governo não tentou chegar a um acordo com os trabalhadores; mas decretou a mobilização do pessoal de tracção e guindastes, considerando desertores os ferroviários destes serviços que se não apresentassem dentro do prazo de 48 horas.

Findo este prazo, como ninguém se apresentasse, poletões e patrulhas de policia tentaram, pela cidade e circunscrições vizinhas, prender o pessoal mobilizado. Paralelamente, o jornal officioso, dirigido por um tal Figueiredo Lima que se dizia das esquerdas democraticas e que é pago pelo fundo do premio das transferencias, começou a insinuar (o que era e é falsissimo) que a greve tinha afinidades politicas e que havia altos funcionarios dando impulso ao movimento. Mais tarde se viu que a calúnia queria atingir o ex-governador que tinha votado contra o aumento de vencimentos e diminuição de regalias. O mesmo organo inventou reuniões que se provou nunca se terem dado.

As prisões

Dia 30. — Paralelamente ao movimento ferroviário, corriam reclamações dos organismos economicos sobre má administração, excessivo premio de transferencias, etc., etc. — e como o governo não desse um passo para atender essas reclamações, em 30 de Novembro, pelas 15 horas, fechou o comércio, encerraram-se os estabelecimentos industriais, paralisou a viação, terminou toda a actividade em Lourenço Marques.

O ex-governador que combatia a Reorganização, já tinha sido substituído na secretaria do Interior por Bartolomeu Severino.

A greve das classes economicas manteve-se até ao dia 10 de Dezembro.

Dia 1 de Dezembro. — Foi preso um funcionario jornalista, falsamente acusado de presidir a reuniões tendentes a preparar um movimento que derrubasse o Alto Comissário. A acusação era falsa, como se provou. Contudo mantiveram-no preso até ao dia 19, data em que o fizeram embarcar para Lisboa, com medo da sua acção na imprensa, visto que criara fama de jornalista de pulso e se licenciara em 19 de Novembro, como que a dizer que dentro de poucos dias voltaria á actividade do jornal.

No mesmo dia foram presos os ferroviários Nuno Pedro, Zeferino e Figueiredo, — sem terem cometido qualquer acto que desse motivo a semelhante violencia.

Para que os presos não respirassem nos calabouços, — no mesmo dia 1 foi desterado para a ilha de Moçambique o cabo de policia Augusto Mota que servia como comandante dos referidos calabouços, acompanhando-o para o desterro o guarda Ruas, por ter dado um viva ao dr. Alvaro de Castro.

Dia 5. — Foi preso um comerciante do interior, por ter relações de amizade com alguns grevistas e com o funcionario detido no dia 1, e foi preso um guarda fiscal, acusado de ter ido ao Transvaal expedir telegramas para Lisboa a relatar a situação de Lourenço Marques.

Vem a propósito dizer que os telegrafos tinham recebido ordens terminantes para não entregarem nem expedirem despachos que previamente não tivessem sido submetidos á censura do Alto Comissário.

Dia 6. — Sem motivo, foram presos os condutores ferroviários A. M. Pacheco, E. Rafael das Neves, Belmiro Braz e o factor Fonseca.

Dia 7. — Junto da passagem de nível de Lhangue, desbaratou um comboio. Não foram encontrados vestígios de não ter sido casual tal desbaratamento.

Junto do local, por soldados indigenas, foi espancado o almoxarife Costa Filho e uma senhora e um cavalheiro ingleses que, por intermédio das respectivas autoridades consulares, protestaram e apresentaram pedidos de indemnização.

Dia 8 e seguintes. — Prisões em massa. Mudança dos presos dos calabouços do Comissariado para o porão do "Polana" e daqui para a Carreira de Tiro. Inicio das viagens do vago-fantasma, á frente das locomotivas, com grupos de ferroviários, dentro, mortos de fome, ao sol ardente, á chuva torrencial, etc.

Dia 13. — Cortejo das mulheres dos grevistas para que o Alto Comissário ordenasse que fossem soltos os presos e não

mais se repetissem a vergonha e desumanidade de colocar á frente das máquinas "vago-fantasma". O cortejo foi impedido de chegar á Ponta Vermelha por um forte esquadrão de cavalaria. Houve cargas das tropas, correrias, pranchadas, pedradas. O cortejo, depois de disperso, voltou a reunir-se e dirigiu-se ao comissariado, em altos gritos, a pedir a liberdade dos presos, sendo obrigado a dispersar perante novas cargas.

Dia 14. — Novo cortejo das mulheres, na baía, pedindo ao comércio, etc., para paralisar o serviço no dia seguinte, como protesto contra o "vago-fantasma". Novas cargas de cavalaria e da policia, tendo sido rasgada a farda a um chefe de esquadra.

Dia 15. — Prisão de algumas mulheres. As 15 horas paralisão dos electricos, officinas, etc., como protesto contra a "vago-fantasma". Mais prisões.

Dia 16. — Intensificaram-se as prisões de ferroviários. Junto da Casa dos Trabalhadores, sob provocação da policia, estabeleceu-se tiroteio de que resultaram ferimentos. A Casa dos Trabalhadores foi assaltada. Os soldados negros instalaram-se nela.

Dia 17. — Fazem-se prisões em massa. A casa do homem transforma a cidade numa arena de terror. O camião da policia passa o dia a conduzir presos para os calabouços. Foram assaltadas e saqueadas centenas de casas junto da Casa dos Trabalhadores. Rebuscam-se malas e enxergões. Apalpam-se homens e senhoras. Prende-se a torto e a direito. Quem transita pela parte occidental da cidade é levado a uma esquadra para ser revistado.

Dia 18. — Continuam as prisões. A' noite há 175 grevistas presos, sem falar em 15 ou 20 pessoas que jazem nos calabouços, simplesmente por manifestarem simpatia pelos grevistas.

Depois das 10 horas da noite, sob uma trovada infernal, aproximadamente 60 grevistas foram transportados dos calabouços do comissariado para a Carreira de Tiro.

Dia 19. — As 5 horas da tarde, partiu do porto o "Lourenço Marques". Desde as 2 horas, que se achava vedada a entrada no recinto do porto, com os portões fechados, excepto um por onde deviam entrar os passageiros e o pessoal de bordo. As 3 horas, em automóvel, guardado á vista, é conduzido do comissariado para o cais, o funcionario detido no dia 1. O cais, bastante povoado de militares e policia. Desembarca-se. Ao largo, passaram do rebocador "Polana" para o "Lourenço Marques", 10 grevistas que o governo deportara. Os processos instaurados no Comissariado de Policia deram resultados negativos.

O art. 26.º (n.º 3, suas alíneas e §§) da Carta Organica, aprovada por Decreto n.º 200, de 28-1-1922, — só permite a expulsão de estrangeiros, e mesmo esses, mediante processo devidamente organizado e com o voto do Conselho Executivo. Contra a lei, o Alto Comissário deportou portugueses, alguns descalços, sem roupa, sem um centavo nas algibeiras, ficando as suas familias, em Lourenço Marques, sem recursos.

A' hora da partida do barco, foi assaltada, por 15 policiaes, uma casa na esquadra das Avenidas 5 de Outubro e Manuel de Arriaga, para se prender um grevista; e, tendo-se este escapado, foi assaltada a casa de Paulo Stockingh, em busca do fugitivo.

Dias seguintes. — Continuam as prisões sem culpa e sem motivo. Para se prender o grevista Manuel J. da Silva, 17 policiaes assaltaram a casa em que ele se encontrava escondido. Na estrada da Moamba, um numeroso grupo de policiaes, para prender 3 mobilizados, assaltou, a tiro, uma casa.

A cidade, desde o dia 1 de Dezembro, tem o aspecto dum acampamento militar. Esquadrões percorrem-na a toda a hora. Junto da residencia do Alto Comissário há metralhadoras. Este, querendo vangloriar-se ou afrontar a população após as primeiras prisões, foi, em 1-12, pelas 5 horas da tarde, apupado na Praça 7 de Março, quando passava de automóvel.

O jornal officioso, numa triste e infame cruzada, amontoa canhaes e calúnias em cada edição que põe a circular. Figueiredo Lima, director, como O Sécuro (de 11-2, 5.ª página) já noticiou, é guardado por uma quadrilha de desordeiros que tem a soldo, remunerada como ele, pelo fundo do premio de apparecência (cambiais). Ferroviário que apparece, se não podem prendê-lo, é pelo menos ameaçado disso e de morte, pelos sicários comandados pelo Figueiredo Lima.

Este, que já tinha inventado entendimentos entre grevistas e elementos politicos, — continua a inventar movimentos separatistas, crimes de alta traição, — quando ele é que, por ter entendimentos com os alemães no Niassa, foi ali preso quando governava Moçambique o general Massano de Amorim.

Mestre na traição, — inventou também um suplemento ao jornal operário O Emancipador, recomendando a todos os ferroviários, em nome da sua "Comissão de Resistência", que se apresentassem, em massa, ao serviço. Desmascarado, foi relegado para os tribunais. Tendo-se apresentado como trunfo esquerdista, destinado a organizar em Moçambique "os organismos das esquerdas democraticas", logo que o Alto Comissário o comprou, denunciou alguns dos individuos que para tal fim se inscreveram, fazendo-os prender como implicados na greve.

Sucedeu isso ao condutor António Maria Pacheco, etc., etc.

No dia 16. — Um dos sicários a soldo de F. Lima, na Praça 7 de Março, matou a tiros de pistola o ferroviário Raúl Ferreira. A fera ainda feriu gravemente á navalha, mais dois populares, quando tentavam prendê-la. Serviu-se duma pistola "Savage", das usadas pelos militares, o que prova que estava a soldo do governo. A policia sabia que ele andava armado e provocando, mas deixava-o á sóta, porque naturalmente essa era a ordem do alto.

No mesmo dia, depois do crime, foi ali-

rado um petardo contra o hotel em que está hospedado F. Lima.

Administração

Orçamento de 1925-1926:
Receita: Lbs. 1.728.885 e Esc. 64.410.523\$00;
Despesa: Material e diversas despesas, 5.875.123\$50; Funcionalismo, 36.491.245\$35; Encargos diversos, 22.044.154\$15. Total 64.410.523\$00.

Portaria n.º 70 de 4-4-1925. — Aumentou as despesas com o funcionalismo em Lbs. 576.265, isto é, ao cambio de 97\$00 (o mais baixo que officalmente tem sido dado em Moçambique) um aumento aproximado de 56 mil contos.

A portaria das cambiais fez saltar o premio das transferencias de 36 % (15-11-1924) para 73 % (13-11-1925) e actualmente na praça o comércio não obtém as cambiais necessarias para saldar os seus compromissos, nem a 100 %.

Portaria 238 (20-12-1925). Obriga os indigenas a pagar o imposto de palhoça em ouro metal ou á razão de 150\$00 por libra; mais fanteiramente tem-se caçado todas as libras aos indigenas vindos do Transvaal, dando-lhe em troca libras do B. N. U. com um écart de 10 ou 12\$00 o que quer dizer que o governo obriga o indigena a vender libras a 105 ou 107\$00 para depois o obrigar a pagar-las a 150\$00.

Nos festejos do "Vasco da Gama" gastaram-se cerca de Lbs. 10.000, tendo alguns credores do governo anunciado em jornais estrangeiros o leilão de seus créditos.

De 17 de Agosto a 6 de Outubro, Azevedo Coutinho andou de visita aos districtos, com a ajuda de custo, diaria, de 10 libras. Mandou aparelhar o rebocador de alto mar "António Enes" para o comboiar, e gastou em camisas, talheres, louças, etc., etc., para o referido rebocador, mais de Lbs. 5.000. O "António Enes" regressou da viagem, arrombado, entrando logo em concerto na doca.

Desembarcado em Lourenço Marques, Azevedo Coutinho substituiu tapetes, mobiliário, louças, etc., etc., do palácio, gastando nisso alguns milhares de libras. Transformou o jardim do palácio em nabal, gastando na construção dos canteiros, transporte de terra, etc., mais de 100 contos. Teve meses que gastou, na rega das hortaliças, 2.920\$3 de água.

Alugou uma quinta na Namacha a um estrangeiro. E lá ia passar 3 dias por semana.

Apoderou-se dos fundos de fomento das circunscrições, tirando d'elles, sob a construção de chalets na Namacha, quasi Lbs. 20.000. Os hospitais de Teto, Quilimane e Chibuto chegaram a encerrar-se por falta de verba.

A. Coutinho quis dar um exclusivo de mão-de-obra á açucareira de Xinavene (muito mais criminoso do que o exclusivo concedido a Hornung) e fez saber ás estações competentes que desejava deferir. A Direcção dos Serviços Indigenas opôs-se, e Azevedo Coutinho encolheu-se. Tudo se passou por escrito.

Do serviço do Alto Comissário havia 3 automóveis. Compraram-se mais 2, servindo um até para ir buscar peixe ao mercado e sendo raro o dia em que nas officinas do Almoxarifado não entra um para consertar.

Contra o voto dos Conselhos Executivo e de Higiene, da Secretaria do Interior, das Associações Economicas da Provincia e contra o seu proprio voto, Azevedo Coutinho assinou um modus vivendi compromettendo-se a fornecer mão-de-obra para São Tomé e Príncipe a \$5000 por indigena, quando a Agricultura de Moçambique está pagando mensalmente uma libra.

Azevedo Coutinho de vez em quando faz festas, a título de inauguração de estradas, mas ainda não construiu sequer um kilometro de estrada. O que se tem visto é centenas de pretos, que se empregavam nas reparações, sentados, durante meses seguidos, ao pé das reparações á espera que lhes paguem os salários.

Sobre fomento há o seguinte:

Quando Azevedo Coutinho tomou posse, a cultura do algodão tinha atingido um notável desenvolvimento. Chuvas copiosas em fevereiro e março de 1925 alagaram as colheitas, lançando na miséria muitos cultivadores. Fez-se um inquérito ao prejuizo que andavam por cerca de 150.000 libras. Pois o governo, a pesar-das mil solicitações da Associação de Fomento, não procurou ajudar ninguém.

Mais: havendo importantes trabalhos em marcha "sobre o estudo da irrigação e enxugo do Vale do Limpopo, perseguiu sistematicamente o engenheiro português que estava encarregado desses estudos.

Estando a fazer-se um inquérito á circumscrição de Zavalá para se apurarem crimes tremendos (roubos e violências contra raparigas menores), Azevedo Coutinho mandou sustar o inquérito, chamando a Lourenço Marques o coronel encarregado desse serviço e transferiu-o para Tete, não só para se não apurar tudo o que de criminoso ali se passava, mas ainda para se não conhecerem as razões porque, por despacho de Bartolomeu Severino, quando governador do distrito de Inhambane, os indigenas de Zavalá eram obrigados a vender a toneladas de malfura a 2-10-00 e os não deixavam transportar os limites de Zavalá para, 100 metros além, na circumscrição de Inharrim, poderia vender a mesma tonelada de malfura por lib. 10-00-00.

Azevedo Coutinho fornece, gratuitamente, a casa ao director das Missões Religiosas, tendo também aumentado a estas a dotação, para o que fez votar em agosto mais

1.000 libras. O orçamento de 1925-26 inscreve:

Missões religiosas..... 308.362\$30
laicas..... 134.359\$00

Pois a Missão Laica "Camões" nem a do-tação lhe tem sido paga.

No orçamento também há esta rubrica vergonhosa: "Despesas com obras de fomento em toda a Provincia, 4.230.000\$00 e 73.750 libras". Isto numa colonia que tem de receita mais de 1.700.000 libras e quasi 65.000 contos!!

Azevedo Coutinho, á caça dum empréstimo, andou por Paris e Londres 4 meses, com a familia, secretários provinciais, secretários particulares, chefes de gabinete, ajudantes, gastando o melhor de Lib. 10.000.

Pelas festas de Vasco da Gama mandou fazer um batueiro em que se gastaram mais de 4.000 libras. Construiu-se um enorme pavilhão ladeado de enormissimas bancadas no atêrro da Machagueira, tendo os indigenas comido mais de 100 bois das circunscrições, e entre elles, 36 rezes que tinham sido apreendidos a um preto inglês (Bob), e que depois de comidas mandou restituir (por escrito).

Reformou a Contabilidade Pública, — o que lhe não era permitido, — pois pelas Bases Organicas da Administração Financeira das Colonias, os Altos Comissários não podem legislar sobre leis gerais applicadas a todas as colonias, — e a reforma de Fazenda que se revogou é uma lei do poder central, comum a todas as Colonias. Por esta Reforma lançou Moçambique num caos.

Proibiu o Instituto das Missões Coloniaes, de mandar missionários laicos para Moçambique, sem que elle os requisitasse, — com o visível fim de aniquilar as missões laicas em beneficio das religiosas.

Mandou que o chefe da repartição central residisse (e lá reside desde 15-11-1924) no edificio conhecido por "Casa dos Hospedes do Governo" e quando lá hóspedes do governo, manda-os para o Hotel Polana por conta dos cofres da provincia. Convm frisar que aquele funcionario não tem direito a habitação, e o seu antecessor não chegava a ganhar, mensalmente, lbs. 40 — e que este recebe lbs. 90.

Contratou secretários provinciais a lbs. 180 por mês, e contabilistas a lbs. 80, quando os chefes de serviço da colonia (secretario geral, procurador da republica, director geral da fazenda, chefe dos serviços de marinha, etc.) tinham vencimentos mensais de lbs. 50.

Contratou um director dos caminhos de ferro por lbs. 150 por mês, quando o vencimento dos seus antecessores não chegava a lbs. 100.

Azevedo Coutinho, no orçamento de 1925-1926, poz assim a mesa do Alto Comissário:

Vencimento, esc. 665.640\$00.
Para despesas de representação, lbs. 1.500-00-00.
Reparação de automóveis, esc. 30.600\$00 e lbs. 1.050-0-0.

Mandou fornecer material tipográfico, da Imprensa Nacional, — para a composição do seu órgão officioso (Está escrito).

Quis mudar a sede do distrito de Tete (no que se gastariam mais de 200.000) e só se não lançou nesta aventura, por opposição do Governador daquele distrito. A sede passaria para Catandica, muitas dezenas de quilómetros desviada de fáceis e economicos meios de comunicação.

Todos os chefes de postos administrativos nomeados desde 15-11-1924, — são afilhados dos dois irmãos Azevedos Coutinhos. O Secretario Particular anda pelas repartições á caça de empregos para a afilhagem de ambos os sexos, tendo-lhe até dito um alto funcionario, perante a insistência, que quem queria ter amantes, lhe pagasse do seu bolso e não estivesse a sobrecarregar os cofres da provincia.

Eis, em resumidas palavras, fotografada com verdade e com algarismos a acção tirânica, ilegal e esbanjadora, de Vitor Hugo, o "Nero de Moçambique". Os estrangeiros não quizeram confiar das suas mãos trémulas e perdulárias, 3 ou 4 milhões de libras. O Congresso da República não pode entregar a um Alto Comissário desprestigiado, incompetente e em litigioso divorcio... com Moçambique, um empréstimo de 18.000 contos.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1926. — Os ferroviários de Lourenço Marques, deportados em 19 de Dezembro.

Secção metalúrgica do Pogo do Bispo

Grande certame da cegadas

Realiza-se amanhã, pelas 13 horas, na Sociedade do Pogo do Bispo (Pateo do Colégio) um certame de cegadas promovido pela secção metalúrgica desta área, em beneficio do fundo da sua biblioteca.

Entre as cegadas que se fizeram exhibir, são distribuídos três premios.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa de Sobrevivência "O Futuro"

—Tomou anteontem posse a Direcção desta Caixa, tendo sido trocadas impressões em que se afirmou a necessidade de diversas modificações ao actual regulamento, para dar o desenvolvimento a que esta caixa tem direito.

A Direcção resolveu a admissão da classe de sargentos de terra e mar, assim como trocou impressões na redução do prazo a legar o subsídio e que a chamada por falecimento le janeiro em diante seja relativa ao número de sócios inscritos nessa data.

CRISE DE TRABALHO

A Associação dos Compositores dirige á classe um vibrante manifesto

Os corpos gerentes da Associação de Classe dos Compositores Tipográficos de Lisboa vem de distribuir á classe um vibrante manifesto sobre a crise de trabalho, do qual extraímos os seguintes períodos:

"O pensamento que nos decide a dirigir-vos as presentes palavras é mais de confiança que de desânimo, mais de esperança que de desespero. O momento que decorre envolve, não haja ilusões, aspectos sombrios; mas, homens em quem o sentimento de scepticismo não encontra fácil guarida, confiamos que, ponderadas as considerações que vamos fazer, a corporação profissional a que pertencemos, ou pelo menos a parte consciente dela, forceará por que as cores carregadas do horizonte apresenta desapareçam, para o que de resto não é preciso mais do que isto: encerrar a situação com acuidade, ter um justo sentimento das realidades e proceder em consequência.

Não damos uma novidade á classe dizendo-lhe que neste momento há colegas desempregados, fazendo-lhe notar uma crise de escassez de trabalho que antes da guerra, por esta época, não era habitual.

Tem o Sindicato, dentro das suas possibilidades, diligenciado atenuar os efeitos de semelhante crise, e com esse intuito se dirigiu já aos quadros dos jornais diários, devendo dentro em pouco fazer apelo á solidariedade material dos colegas das casas de obras, que certamente mostrarão tanto interesse como aqueles em que a situação dos desocupados seja minorada.

Sucedem, porém, que enquanto colegas nossos estão sem trabalho, outros há que acumulam, parecendo desconhecer a existência do facto em referência, visto que imperturbavelmente mantêm uma situação que se nada tem de defensável em occasiões normais, muito menos defensável é num momento de crise como o actual.

Não repararam ainda esses colegas que enquanto eles, ao fim da semana, levantam duas férias, outros há que, por não terem onde empregar a sua actividade, chegado o sábado, entram em casa sem a importância correspondente sequer a um dia de trabalho, o que quer dizer que o procedimento dos primeiros não peca apenas por ilegítimo, mas também por pouco humano.

Regista-se ainda um outro caso que é igualmente condenável, sobretudo quando o trabalho geralmente escasseia, como agora. E' o de alguns colegas estarem fazendo horas extraordinárias nesta occasião — e vem a propósito juntar que nem todos as fazem com a retribuição devida — quando é certo que em várias officinas onde tal facto se verifica poderiam encontrar trabalho parte dos desempregados, pois é intuitivo que havendo industrias que têm necessidade, por qualquer motivo, de reforçar a produção normal, e desde que os assalariados que mantêm habitualmente nas respectivas officinas se negassem, por um alto espirito de camaradagem, a produzir além das 8 horas, ver-se-iam aqueles compelidos a admitir mais pessoal."

Operários das obras do Estado

Voltaram a reunir ontem, pelas 10 horas, os operários sem trabalho e os licenciados das obras do Estado.

O camarada que presidiu á sessão anterior comunicou que as comissões iriam junto do ministro do comércio e do administrador dos Edifícios Publicos entregar as representações para se conseguir a verba de 5000 contos, de maneira a ser mantidos os operários licenciados das obras do Estado e a admissão immediata dos operários associados sem trabalho.

Os presentes que eram em grande número resolveram acompanhar as comissões que foram recebidas pelas entidades a que acima aludimos. As comissões communicam hoje, pelas 10 horas, o resultado das suas "demarches", devendo comparecer a essa hora todos os operários sem trabalho e os licenciados das obras do Estado.

Tem estas conclusões a moção apresentada na reunião de anteontem:

1.º. — Que seja presente ao administrador Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, poder legislativo e executivo, a fim-de ser aprovado pelo Congresso da República, um reforço de verba, a favor do ministério do comércio, de 5000 contos, sendo 4000 pelo art.º 39 e 1000 pelo art.º 49, de maneira a manter a estada dos operários licenciados e a permitir a admissão immediata dos operários associados sem trabalho de Lisboa e arredores nas obras dos Edifícios e Monumentos Nacionais até ao fim do actual anno ec. nomico.

2.º. Que ao ser discutido no parlamento o orçamento parcial do ministério do comércio, pelo referido ministro seja presente uma emenda no capítulo referente ás obras na importância de 8300 contos, sendo 6000 pelo art.º 39 e 2500 pelo art.º 49, de maneira a que esta verba, como a já designada no referido orçamento parcial, possa fazer face ás despesas da matéria prima e salários durante o anno economico de 1926-1927.

3.º. Que a Federação da Construção Civil coordene os seus trabalhos e intensifique a sua propaganda pelos sindicatos do norte e sul do país de forma que as verbas que forem destinadas ao orçamento parcial do ministério do comércio para a direcção do Norte, que compreende os distritos de Porto, Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Aveiro, Vizeu, Guarda, Coimbra e Leiria, e para a do sul, distritos de Lisboa, Santarém, Castelo Branco, Portalegre, Évora, Beja e Faro e os distritos das ilhas adjacentes anexas á direcção do sul, a fim de que os operários ingressem nos trabalhos a cargo das divisões subordinadas ás referidas direcções para evitar deslocações de operários dessas localidades para Lisboa que viriam agravar a situação dos sem trabalho da capital e arredores e prejudicar a coordenação dos trabalhos e pelo devido conhecimento dos trabalhos a executar se reconhecer que as verbas distribuidas são insufficientes para a admissão dos camaradas associados das localidades innumeradas. A Federação com as comissões de "demarches" fará todos os esforços possiveis perante o administrador geral, poder executivo e legislativo, a fim-de conseguir as verbas necessarias para atenuar a critica situação dos referidos camaradas.

4.º. A colocação dos associados sem tra-

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho

Reúne hoje pelas 19 horas a comissão ontem nomeada.

COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos. — Reuniu a direcção na quinta-feira, a qual tomou conhecimento do vário expediente e apreciou diversos assuntos respeitantes á classe. Por último resolveu convidar os corpos gerentes e conselho fiscal a ir visitar, pelas 13 horas de amanhã, as dependências do prédio da Calçada Castelo Branco Saraiva, 42-1.º e verificar se possui condições para a sede dos organismos gráficos.

S. U. Metalúrgico. — Reuniu extraordinariamente a comissão de melhoramentos com a comissão de "demarches" da casa Vulcano, occupando-se do estado em que se encontra o movimento resolvendo efectuar algumas "demarches" no sentido de se solucionar o conflito.

CONVOCAÇÕES

ReUNEM-SE HOJE: Pessoal de Cámaras da Navegação de Longo Curso. — Secção de Cosinhas. — A assembleia geral, pelas 19 horas, para nomeação de corpos gerentes, reclamação de aumento de salários é mais assuntos de interesse para a classe.

Dias Proximos: Federação corticeira. — Reuniu amanhã, pelas 12 horas, o conselho federal, para assunto importantissimo.

A comparência de todos os delegados é indispensável.

Compositores Tipográficos. — A direcção e o Conselho Federal, amanhã, pelas 13 horas, na sede do Sindicato dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercantes, Calçada Castelo Branco Saraiva, 42, para tratarem da nova sede.

A direcção, Conselho Fiscal e Comissão pró-auxilio aos desempregados, segunda-feira, ás 18,30 horas, na sua sede, António Maria Cardoso, 20, r/c, para assunto de transcendental importância.

Texteis de Lisboa. — Amanhã, pelas 14 horas, na rua Paulo da Gama, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apresentação do relatório e contas da gerência do anno de 1925. 2.º Nomeação de corpos gerentes para anno de 1926. Que todos sejam conscientes do seu dever de trabalhadores, não faltando a esta assembleia, se queiram afirmar os vossos incontestaveis direitos de produtores. Não havendo número de sócios legal para o funcionamento da assembleia á hora acima indicada, realizar-se-á a mesma pelas 16 horas, com qualquer número de sócios.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Sindicato de Parede e Arredores. — Reuniu hoje, pelas 20 horas, em assembleia geral, para tratar da crise de trabalho e outros assuntos. A esta sessão assistem delegados de Lisboa.

Um caso grave

A única associação operária de Aveiro está na iminência de desaparecer!